

Pedido de socorro (com dignidade)

RUY FABIANO
Reporter Especial

Foi um discurso de socorro. Nem por isso, porém, uma peça menor de oratória. O desafio que o destino faz à carreira de José Sarney — ao contrário do que ocorria com Tancredo Neves — é superior à sua biografia. Mais que isso: superior a seu patrimônio político. Não possui a experiência de seu antecessor, nem lhe herda a reputação e confiança popular. Diante disso, só lhe restaria fazer o que fez: pedir, humildemente, ajuda. Com isso, correspondeu à expectativa do momento histórico, que encarna como principal personagem.

Foi um bom começo: assegurar a continuidade da obra de Tancredo, cujo maior desafio, inicialmente, é manter unida a Aliança Democrática. Mas não basta. É preciso, obviamente, pôr em prática o ideário de seu antecessor. E aí começam — e não se sabe onde terminam — as dificuldades. No próprio discurso — cujo tom patético denuncia a aflição que o domina — estão sugeridas algumas. Entre as prioridades fixadas por Tancredo — e que Sarney prometeu sustentar — há paradoxos aparentes. Por exemplo:

combater a inflação e estimular o crescimento da economia.

Há expectativas tremendas. Empresários e trabalhadores vêem na Nova República um momento de redenção. O Governo deve a ambos. E não sabe como pagá-los. A campanha da Aliança Democrática prometeu resgatar ambos os compromissos, embora jamais especificasse como. A credibilidade ficava por conta do aval de Tancredo. O avalista se foi. Ficaram as promissórias. E a primeira dificuldade de Sarney, sem dúvida, será a de ter seu nome aceito numa operação de crédito político de dimensões tão gigantescas. Tem, num primeiro instante, o apoio das principais forças políticas do País. Não é pouco. Mas não é tudo.

“O Governo dará prioridade aos pobres”, garante ele. É um ótimo começo. Mas é preciso identificar com cautela quem são os ricos — isto é, quem vai pagar a conta. Nos últimos anos, rico, no Brasil, no duro, só houve duas categorias: o próprio Governo e os banqueiros. O empresariado está de pires na mão. E os trabalhadores já não têm o que dar. Pior: essas contradições estão expressas na própria composição da Aliança que deve apoiar Sarney.